SCHOLASTIC METAPHYSICS

JONH F. McCORMICK, S. J.

CAPÍTULO QUARTO (1)

1. Sentido e número dos transcendentais

Transcendentais são certas noções que se atribuem a qualquer realidade, a todos os seres, que não pertencem a um gênero particular, mas que estão acima de toda espécie e de todo gênero. Eles são explicitações da idéia de ser, estão contidos na idéia de ser de modo implícito. Não se deve considerar os transcendentais como acrescentando uma nova idéia ao ser, mas apenas como explicitando aquilo que a idéia de ser já continha.

Os medievais distinguiam seis transcendentais: ens (ser); res (coisa); aliquid (algo); unum; verum; bonum. Atualmente se considera um sétimo transcendental, que é o pulchrum (belo). Todas estas noções são aplicáveis a absolutamente todos os seres.

Segundo o autor que resumimos os três primeiros são sinônimos porque **res** e aliquid não acrescentam nada ànoção de ser (ens). Entre ens e res o argumento parece bem claro, com o aliquid já é um pouco diferente; tem-se a impressão de que o aliquid não é um simples sinônimo, porque ele implica numa distinção entre os seres. Vem daí a idéia de asseitas, que é algo de muito valor, de que o autor passa por cima. Por esta razão (a "identidade" dos três primeiros conceitos) somente o unum, o verum, o bomum, e também o pulchrum são chamados atributos do ser de modo próprio. Os transcendentais são seres e não agregam nova rralidade ao ser, mas só acrescentam uma negação ou relação. O unum é absoluto; o verum e o bonun são relativos à inteligência e à vontade.

São Tomás dá a seguinte esquematização dos transcendentais (De Veritate, q. 1, art. 1): ele diz que aquilo que a inteligência concebe primeiro como coisa evidente e imediata é o ser. Todas as outras concepções acabam redundando neste conceito de ser. Todos os conceitos são formados a partir da noção de ser. Os acréscimos que a ele se podem fazer não consistem em nenhuma nova realidade, poruqe qualquer acréscimo que se dá à noção de ser já é um ser em si mesmo. Os acréscimos são mais uma explicitação do que uma modificação da noção de ser. Isto pode se fazer de dois modos:

I- Expressnado algo que é um modo especial de ser, como, por exemplo, a substância - ens per se - em que per se não é um acréscimo de uma nova realidade ao ser, mas apenas a expressão explícita de um tipo de ser.

II - Expressando algo que é consequente em cada ser, o que pode ser feito também de dois modos:

1º) Expressando algo que é consequente em cada ser considerado absolutamente ou em si mesmo.

a) afirmativamente: neste caso só há uma consequência para cada ser e que é a posse de sua essência. Para expressar isto usa-se a palavra **Res**

(Res : o ser considerado em sua essência)

b) negativamente: neste caso também só há uma conse

quência para cada ser, que é a indivisão, que expressamos pela palavra Unum.

(Unum é o ser considerado como não diviso)

2º) Expressando algo que é consequente em cada ser considerado relativamente.

a) com referência à divisão ou distinção de um ser em relação a outros seres usamos a palavra aliquid.

(Aliquid é o ser considerado como distinto dos outros seres)

b) com referência à relação do ser com a mente podemos ter:

(Verum: é o ser enquanto conformado ao pensamento)

(Bonum: é o ser enquanto desejável pela vontade, enquanto agradável de se desejar)

Esquematicamente:

ENS
- I- Modo especial de ser - Ex. Substância - ens per se
  Acidente - ens in alio
- II-Consequentes de do ser considerado
  - (1) Absolutamente em si mesmo
    - a) afirmativamente - RES: ser enquanto possui sua própria essência
    - b) negativamente - UNUM: ser não diviso
  - (2) Relativamente
    - a) aos outros seres-ALIQUID ser enquanto distinto dos outros
    - b) à mente
      - ao intelecto- VERUM: ser enquanto conformado ao pensamento.
      - à vontade - BONUM: ser enquanto desejável pela vontade

O pulchrum - o belo - é o bem claramente conhecido. Quando o bonum do ser brilha calaramente diante do nosso intelecto temos o PULCHRUM.

2. Unidade, identidade e distinção - o Unum

Unidade é uma noção simples, mas que é impossível de se definir de modo estrito porque essa noção não pode ser decomposta em conceitos mais simples do que ela mesma. Nós compreendemos a unidade pela oposição com o seu contrário, que é a divisão. São Tomás diz que uno é aquilo que em si mesmo é individido e que está dividido de tudo o mais. "Uno é nada mais do que o não dividido" (São Tomás, De Veritate, q. 1, art. 1).

Isto não quer dizer que o uno não seja divisível. Uma mesa, por exemplo, é una, mas isto não quer dizer que ela não tenha partes componentes que possam ser separadas. Unidade não é indivisibilidade. Unidade é não estar dividido atualmente.

A unidade não é uma realidade distinta do ser, quando se atribui unidade ao ser não se lhe dá nenhuma nova realidade que não esteja implícita no conceito de ser. Ao se dizer que uma coisa é una, apenas se acrescentou a idéia de que ela não está dividida, e afirma-se que o ser concebido enquanto tal é não dividido. Se algo é dividido não é mais um ser, são vários. Tome-se, por exemplo, uma frota de navios. É evidente que ela é formada por uma porção de unidades agregadas, mas se dividirmos esta frota em duas partes , não se terá mais uma frota, mas duas frotas, ou duas flotilhas. Ela é una enquanto realmente ou mentalmente permanece um único conjunto, não obstante seja capaz da divisão real ou mental. Se uma coisa é dividida não é mais ser, mas seres (São Tomás, De Bono , art. 1).

São Tomás prova que a unidade é um transcendental mostrando que uno e ser são noções conversíveis. Quando se diz que algo é uno, se está dizendo que é ser, pois só o que existe pode ser uno. Por outro lado, ao se dizer que é ser, diz-se que é uno, pois todo o ser é simples ou composto. Se é simples, então é incapaz de ser dividido em partes e é uno em si mesmo. Se é composto, ele somente é ser enquanto as partes compostas se mantém unidas formando aquele composto. Portanto, o ser composto só é ser enquanto ele é uno, isto é, enquanto seus compostos estão unidos. Se ele perder a unidade,ele deixa de ser. Por exemplo, água é água enquanto oxigênio e hidrogênio estiverem unidos. Separados, eles tem uma unidade própria, mas não formam o ser água. A água, sendo um composto, só existe enquanto existir a unidade dos componentes. Então, o uno e o ser são redundantes. Na Suma Teológica (1ª parte q. 1. art. 18) São Tomás prova que a unidade é um atributo transcendental do ser com as seguintes palavras: "O uno é conversível ao ser.Todo ser é simples ou composto. Mas o que é simples é indivisível tanto em ato quanto potencialmente; o que é composto não é ser enquanto suas partes estão divididas, mas tornam-se ser apenas quando suas partes formam o composto.

Manifestadamente então o ser de cada coisa é indiviso e a coisa mantém o ser enquanto guarda sua unidade".

Tipos de unidade:pode haver vários tipos de unidade correspondendo aos tipos de ser.

a) unidade metafísica: é a unidade de um ser simples que não é composto de partes, e que por isso não pode ser dividido.

Exemplos disso são Deus, a natureza angélica, a alma humana que é simples porque é espiritual. Todo ser espiritual é simples, tem unidade metafísica, e é, portanto, incapaz de ser dividido. Daqui decorre a imortalidade da alma, porque a morte é uma divisão, uma separação do ser. Como o ser humano é composto de matéria e espírito, suas partes podem ser separadas. A perda da unidade do nosso ser é a morte. Na alma, não havendo possibilidade de divisão, não pode haver morte.

b) unidade física: é a unidade do ser composto. Todo ser composto é passível de decomposição, mas é ser na medida em que suas partes se mantém unidas. Na Metafísica, a palavra parte deve ser entendida de um modo especial: parte é algo essencialmente incompleto. Não é uma unidade num agregado de coisas, como um tijolo numa parede. Parte é algo que participa, que está ligado à essência do ser, de tal maneira que não tem nenhum cabimento a existência daquela parte em separado do restante do ser. Por exemplo, o cérebro humano faz parte da essência humana, não existe separado dela. Então o ser composto tem unidade física enquanto suas partes estão integradas formando um conjunto.

c) unidade acidental: a unidade física e a unidade metafísica são unum no sentido estrito "unum per se". Agora, pode haver também unidade por acidente, isto de três formas: 1) Unidade lógica, é a unidade de muitas coisas sob a extensão de um conceito. Esta é a unidade de todos os universais. Cadeira, como universal, cabe a todas as cadeiras do mundo. Esta unidade da palvra cadeira é uma unidade lógica. 2) Unidade artificial: é aquela que é produzida pela ação do homem em muitas coisas independentes umas das outras, mas postas num conjunto para produzir uma finalidade. Um exemplo é o automóvel: é a justaposição de uma porção de coisas distintas, mas tendo em vista uma finalidade, que é a locomoção. 3) Unidade de agregação: é a unidade de vários seres que estão por coincidência num só lugar, no espaço e no tempo. Por exemplo, um monte de pedras, uma porção de gente andando numa praça, um aglomerado casual de qualquer coisa.

d) unidadade moral: é a união de várias pessoas, cada uma em si mesma individualmente independente, mas que têm um fim comum, ou um mesmo impulso moral. A sociedade humana no seu conjunto, por exemplo, tem uma unidade moral. Sociedade é uma união moral e estável de vários indivíduos racionais sob a direção da mesma autoridade, e visando um mesmo fim. A união da sociedade não é a mesma de um rebanho, na qual não entra o elemento moral. Se o impulso moral, formador da sociedade decorre da própria natureza humana, esta sociedade é um unum per se da ordem moral. É o que se dá nos casos da sociedade civil e da família, que são sociedades naturais. Caso o impulso moral não decorra da natureza humana, esta unidade é um unum per accidens. Ex.: as sociedades de estudos medievais.

Esquematicamente teremos:

UNUM
Tipos de unidade

- I - Per se
  - 1- metafísica
  - 2- física
- II- Per accidens
  - 1- unidade lógica: é a unidade de muitas coisas sob a extensão de um conceito. É o caso dos universais.
  - 2- unidade artificial: é a unidade de muitas coisas, cada uma das quais independente, mas postas juntas pelo homem com uma finalidade
  - 3- unidade de agregação: é a unidade de muitas coisas consistindo na mera coincidência em um lugar ou tempo. Ex.: pilha de pedras, multidão, período histórico.

Unidade moral - Sociedade

- 1- natural: unum per se. Ex.: família, sociedade civil.
- 2- acidental: unum per accidens. Ex.: sociedade filatélica.

Há um conceito que em latim se chama multitudo cujo significado em português é pluralidade ou multidão. Este conceito se refere à existência de uma porção de seres da mesma espécie. A multidão é um agregado de uma porção de unidades individuais. Ela tem muitos unus. Ela é infinita em potência, porque sempre se pode acrescentar mais um elemento, não há limite para o crescimento da multidão. Para ela há somente um limite inferior: o mínimo são dois, mas não há máximo.

Quando a multidão é medida pela unidade temos o número. O número é medida da pluralidade pela unidade. O número revela quantos unus há numa multidão. O conceito de número nasce da tentativa de exprimir a pluralidade pela sua unidade componente. Assim, se constatamos que uma mesa tem cinco metros é porque verificamos que a unidade metro está contida cinco vezes na mesa. Um número nunca pode ser atualmente infinito. É o mesmo problema da multidão. Pode-se sempre acrescentar mais um, por isso o número é potencialmente infinito. Na verdade, a numeração é mais um indefinido do que propriamente um infinito.

Identidade

Ao lado do conceito de unidade existe o conceito de identidade, que pode ser real ou lógica. É real quando há coincidên

cia de uma coisa consigo mesma. Qualquer ser é realmente idêntico a si. Identidade lógica é a coincidência de uma coisa com outra . Abstratamente, a essência de qualquer coisa sempre permanece a mesma e idêntica a si mesma. A essência dos seres de mesmo tipo sempre coincide em cada um deles. Por exemplo, de modo abstrato a essência humana é sempre a mesma, é sempre animal racional. Idêntica a si mesma, a essência de um homem é logicamente idêntica à de qualquer outro homem. Concretamente porém, um ser nunca é estático e imutável. O próprio ser finito não é inteiramente idêntico a si mesmo em dois momentos diferentes de sua existência. Entretanto há alguma coisa que permanece idêntica no ser, que é a sua essência. Nas coisas concretas as mudanças são, em geral, tão lentas, que nós as desprezamos e consideramos o ser absolutamente idêntico a si mesmo, e só consideramos que eles mudaram depois de um longo período quando se dá uma mudança perceptível pelos sentidos.

Uma sociedade é moralmente idêntica a si mesma quando o propósito original é mantido, embora tenham mudado os elementos componentes da sociedade. Assim, a Ordem Franciscana não muda sem que se mude a sua finalidade e o seu modo de atingir esta finalidade, não obstante, com o tempo, sejam trocados todos os frades franciscanos.

Distinção

O contrário da identidade é a distinção, que é a falta de unidade entre as coisas. Quando duas coisas não têm unidade diz-se que são distintas. A distinção é muito útil para a clareza de pensamento, mas pode levar também a um vício que é o bizantinismo, a mania de fazer distinções.

Há dois tipos de distinção: a real e a mental. Distinção real é a que existe nos seres independentemente da mente. A distinção mental não existe nas coisas, masé produzida pela mente. O autor diz que é difícil, muitas vezes, saber se uma distinção é real ou mental.

I - A distinção real pode ser de dois tipos: a) distinção maior, é a separação de duas coisas que mesmo separadas podem continuar existindo como tais, é a distinção entre o vidro e o limpador de pára-brisa de um auotmóvel, entre a animalidade e a racionalidade no homem. b) distinção menor é a que existe entre a substância e seus modos.

II - A distinção mental ou de razão pode ser também de dois tipos: a) distinção menatl pura se dá quando a mente forma duas idéias que são realmente sinônimas da mesma coisa. O problema é que é difícil achar dois sinônimos perfeitos , e por isso essa distinção é de pouca importância para o raciocínio. O exemplo que o autor dá é seis e meia-dúzia, por onde se vê a pobreza dessa distinção. b) distinção mental virtual, é a distinção mental feita com base na realidade. Assim, se tomarmos em Deus inteligência e vontade, ou sabedoria e beleza, estas são coisas mentalmente distintas. Na realidade sabemos que são uma só coisa. As Pessoas Divinas , sim, são realmente distintas. Mas a Bondade do Pai é a mesma do Filho, que é a mesma do Espírito Santo, e o mesmo se

dá com todas as outras qualidades divinas, que mentalmente distinguimos. Essa distinção tem, contudo, base na realidade, porque esses atributos existem e são realmente distintos nas criaturas, muito embora sejam idênticos em Deus. É curioso ver que o catecismo ensina isso para as crianças, quando diz: "na Santíssima Trindade hé três Pessoas realmente distintas". Abelardo foi condenado por distinguir realmente as qualidades em Deus, dizendo que a potência pertencia apenas ao Pai, a sabedoria apenas ao Filho e a bondade somente ao Espírito Santo. Essa é, pois, umadoutrina condenada.

Ser único

O ser é único quando, além de ser uno, não existe nenhum outro do seu tipo. Ainda assim pode haver unicidade em dois sentidos: em sentido lato, a Lua é única, poruqe ela é o único satélite da Terra, mas isso é puramente acidental, pois poderia haver outros satélites naturais da Terra. A Igreja, não. É única em sentido estrito, não pode haver outra verdadeira. Propriamente, então, ser único é aquele que não admite outro de sua natureza. É neste sentido que se usa ser único significando Deus. Exs.: Deus, a Igreja.

Princípio da individuação

a) Tomistas: discute-se agora qual é o princípio da individualidade, o que torna o ser individual. São Tomás dizia que o ser é constituído individualmente pela posse de uam certa quantidade de matéria (matéria signata). Portanto, só pode haver diferentes indivíduos em seres que têm alguma matéria. Os anjos, que não têm matéria, não possuem individuação; eles não se diferenciam como indivíduos, mas diretamente por espécies. Por exemplo, se tivermos dez mesas do mesmo tipo, essas mesas são dez indivíduos que se distinguem uns dos outros pela posse de uma matéria respectiva a cada ser, a cada mesa. No anjo isso não pode acontecer, porque o anjo não tendo matéria deve esgotar em si a sua idéia. O universal de cada espécie se esgota num único indivíduo. Nas dez mesas, a idéia de mesa é a mesma, mas que existe diversamente em dez indivíduos, porque eles têm matérias diferentes. Se não houvesse matéria, só poderia haver uma mesa, que é a idéia de mesa, e a espécie não poderia ter vários indivíduos.

No anjo, como não há matéria, a idéia que Deus teve de anjo se realiza num único ser. A divisão dos coros angélicos não é uma divisão por indivíduos. Há uma hierarquia nos anjos: são três ordens, em cada ordem três coros, dentro de cada coro cada anjo é único na sua espécie. Na ordem material também podemos agrupar as espécies em vários gêneros, mas dentro de cada espécie teremos sempre vários indivíduos. Nos anjos, os coros angélicos reúnem espécies, cada uma formada por apenas um anjo, que é único na sua espécie.

A própria alma humana é individualizada pelo corpo, do qual ela é a forma. Para compreendermos isto imaginemos uma massa de bolo: a massa é uma só, mas ela é passível de ser colocada em várias formas. A massa seria a lama e o corpo seria a forma. Pon-

do a massa em várias formas de formatos diversos é evidente que a massa toma o formato da forma. É este que limita a massa. Assim, o corpo é como que a "forma" da alma. É o corpo que limita a alma em cada indivíduo. É por isso que são Tomás diz que a matéria é o fator de diferenciação e de individuação dos seres; nos anjos não existe a "forma", mas somente a "massa".

É por isso que a nossa capacidade intelectual é limitada pelo corpo. Todas as almas têm a mesma inteligência. O corpo dá à pessoa uma capacidade de captação, de expressão e de transmissão mais ou menos perfeita. São as falhas neste aparelho que provocam as deficiências intelectuais. Se a falha está no sistema receptor a pessoa fica idiota; se é no aparelho transmissor ela fica muda, surda, e assim por diante. Uma pessoa muito inteligente, sofrendo um acidente, pode ficar com o cérebro debilitado. Nós diríamos que perdeu a inteligência, mas não é isso, porque a inteligência não foi afetada e a pessoa continua inteligente. Somente essa alma teve sua capacidade de comunicação reduzida, pois foi debilitado o veículo natural da alma, que é o corpo.

As almas no céu, por causa da graça, adquirem um brilho, uma glória, que tornam uma alma diferente de outra pela virtude. Mas se abstraíssemos toda a virtude que pode existir nas almas elas não se diferenciariam, ou melhor dizendo, não se individualizariam. As alams no céu não podem conhecer nem transmitir nada diretamente, não têm os sentidos e se comunicam apenas intelectualmente com Deus, que pode até dar-lhes o dom de produzir um som semelhante à voz, mas que não é próprio da alma.

b) Scotistas: além desta posição tomista, temos Duns Scotto que afirma que a individualidade é constituída pela presença no ser de uma formalidade que é distinta da realidade individual.

c) Suarez: diz que o ser é individualizado não pela matéria, nem pela formalidade distinta da realidade individual, mas pela posse da sua própria realidade.

3. Verdade e falsidade

A verdade enquanto transcendental do ser (verum) é a adequação do ser com a mente. Dizer que um ser é verdadeiro significa que ele é capaz de ser compreendido pela inteligência. A conformidade entre o pensamento e a realidade chama-se verdade lógica. Quando há uma conformidade entre a idéia enquanto pensada e enquanto expressa temos a verdade moral. Temos então três tipos de verdade: a) verdade metafísica: que é a capacidade que todo o ser tem de conformar-se à inteligência; b) verdade lógica, que é a correspondência entre idéias e realidade; c) verdade moral que é a expressão daquilo que realmente pensamos.

A mentira, como veremos, é não dizer o que pensamos, ou afirmar que o ser não é. O ateísmo é a grande mentira, pois que afirma que o Ser não é.

A verdade, segundo São Tomás, se encontra: a) propria e primariamente no intelecto de Deus; b) propria e secundariamente no intelecto humano; c) em sentido menos próprio, encontra-se no

encontra-se no ser. A verdade das coisas não depende da nossa idéia. A medida da verdade é o próprio objeto, mas o conhecimento da coisa está na mente humana. O conecimento é que constitui propriamente a verdade, ele está de modo menos próprio no objeto, porque aquilo que foi entendido está no objeto. Por sua vez o objeto depende da idéia de Deus a respeito dele. Essa idéia de Deus é a medida do objeto.

Vamos supor que alguém escavando a terra encontrasse uma antiga ponta de flecha. O descobridor não só entenderia a flecha, mas compreenderia que o homem que fez aquilo, queria um isntrumento perfurante. Ele entende a idéia do fabricante por meio do objeto. Isso mostra que o objeto é adequado à mente do homem que o encontrou e adequado à mente do selvagem que o fez. Há uma relação real, e não subjetiva, das inteligências com o objeto. Essa flecha não só revela a idéia do fabricante, mas ela não existiria sem que o fabricante tivesse a idéia. Ela só pode existir depois de ter sido pensada pelo fabricante. Ora, todas as coisas artificiais são assim: tem-se primeiro uma idéia das coisas e depois elas podem ser feitas. Os outros homens que vêem esses objetos podem por aí compreender a nossa intenção. Há uma correspondência de idéias através do objeto fabricado. Pode-se estender isto às coisas naturais? É exatamente a mesma coisa. Através das criaturas podemos compreender a idéia de Deus, estas coisas não existiriam se Deus não tivesse idéia delas. As coisas dependem então absolutamente da mente divina, que é, pois, a fonte primária do entendimento e, portanto, da verdade. Quando se diz que a verdade está mais propriamente na inteligência do que nas coisas não é dizer: a verdade depende da minha inteligência, porque então as coisas poderiam ser completamente diferentes do que são, e se o homem não existisse poderiam até não ser, o que é absurdo. Mas quer dizer que o homem, quando conhece, o faz de modo análogo a Deus que é a medida da verdade, e que, portanto, tem o conhecimento de modo mais próprio do que os seres cognocíveis.

Se as coisas foram então criadas, há um ser que conhece todas as coisas, e de cuja mente todos os seres dependem, e sem essa inteligência infinita não existiria.

É a existência dessa inteligência infinita que justifica a afirmação de que há verdade transcendental no ser, pois negando Deus o homem só poderia conhecer a verdade pela conformidade com o seu intelecto, mas nada poderia afirmar sobre as coisas que não estão sob o seu alcance. Como São Tomás diz, se não houvesse nem inteligência divina nem inteligência humana, não poderia haver coisa verdadeira enquanto verdadeira. (São Tomás, De Veritate, q. 1. a. 2).

Para provar que há verdade transcendental no ser devemos admitir que há um ser infinito que conhece todas as coisas e do qual tudo depende para ser. Todas as coisas são então conformadas a esse intelecto divino: a)seu próprio Ser que é conhecido por Ele mesmo; b) todas as realidades finitas, poruqe não só são conhecidas por Ele, mas também porque dependem dEle para existir.; c) todas as negações e privações que se acham nos seres finitos, porque também são conhecidas por Ele.

Da existência dessa inteligência divina, se segue que nada pode ser literalmente caótico ou fora de relação com a mente. Por con

seguinte todo ser é verdadeiro. Santo Agostinho diz: verdade é aquilo que é. O mentiroso diz o que não é.

O verum não é umarealidade distinta do ser.

Nenhuma nova realidade é acrescentada ao ser pelo fato de que todo ser é verdadeiro, porque não pode haver realidade que fosse verdadeira e que, ao mesmo tempo, não fosse ser.

A verdade acrescenta ao ser uma relação à inteligência, e todo ser, pelo fato de ser, tem referência com o intelecto. Portanto o verum é um atributo transcendental do ser.

A relação das coisas com a mente divina e com o intelecto humano mostra que o intelecto divino é a medida de verdade das coisas.

O intelecto humano é a medida de verdade das coisas que dependem dele, isto é, das coisas artificiais.

Mas o verum das coisas naturais não é medido pelo intelecto humano mas antes, é o verum dessas coisas que é a medida da verdade na mente humana, e, para possuir a verdade, o homem precisa conformar sua mente às coisas.

A verdade metafísica ou ontológica das coisas é, pois, a medida da verdade em nossas mentes e estabelece as regras para elas. (São Tomás, De Veritate, q. 1, a.2).

Relatividade da verdade

Essa doutrina, de que a verdade na mente humana é medida pelo que as coisas são, se opõe ao dito dos sofistas de que "o homem é a medida de todas as coisas".

Existe a verdade absoluta. A verdade é a mesma para todas as mentes e ela se funda na essência necessária dos seres. Por isso a verdade é objetiva.

A famosa definição de verdade lógica: "veritas est adequatio intelectus ad res", " a verdade é a dequação da intelecto às coisas", diz o que a experiência nos mostra: as coisas não mudam nem deixam de ser o que são de acordo com a nossa idéia delas. Elas permanecem sempre o que são. É nosso intelecto que se conforma às coisas, e não as coisas ao nosso pensamento. Portanto a verdade depende do objeto e não da idéia do sujeito, e verdade é objetiva, universal e absoluta.

A doutrina da relatividade da verdade, isto é, que o vero para um homem pode ser falso para outro, ou que aquilo que é verdade hoje poderá ser falso amanhã é uma doutrina favorita da filosofia moderna.

O liberalismo defende a teoria da subjetividade da verdade, isto é, que a verdade depende não do objeto, mas da idéia do sujeito.

Para o pragmatismo a "verdade" seria apenasum expediente de nosso modo de pensar, tanto quanto o "direito" seria apenas um expediente em nosso modo de atuar, "behoving".

Daí nasceu o relativismo moderno para o qual nada é certo e objetivo.

Para o liberalismo, pragmatismo e relativismo a verdade, pois, não existiria.

A tese de que a verdade não existe é "suicida", porque ou ela é certa ou é errada. Se for certa, estaria aí a única verdade, e a verdade, pois, existiria. Se for falsa, então a tese contrária é certa, e a verdade existiria. Portanto, em qualquer caso conclui- se que a veradde existe. Este dilema é explicado por São Tomás na "Suma contra Gentiles".

Santo Agostinho, num estilo mais poético, mostra também a objetividade da verdade. Diz ele: "nossas mentes ora vêem mais, ora vêem menos a verdade. Isto prova que nossas mentes são mutáveis, enquanto a verdade permanece sempre a mesma. Nem ela cresce quando vemos mais, nem diminui quando entendemos menos. Ela continua total e incorrupta. Ela brilha com sua luz quando voltamos nossa face para ela, e ficamos nas trevas quando lhe voltamos as costas".

O pensamento é muito claro. Quando entendemos algo mais profundamente, compreendemos que a coisa já era assim antes de nós a entendermos. Logo, a coisa não mudou. O que prova que nossa inteli - gência é mutável, mas a verdade é sempre a mesma.

Assim como nosso olhar percebe ora mais claramente, ora menos uma montanha no horizonte longínquo, dependendo das condições atmosféricas e da acuidade de nossa vista, assim também se dá com a verdade. A montanha nem cresce,nem diminui, nem tem mais ou menos detalhes, nem se torna, em si mesma, mais ou menos bela. É nossa visão que varia. Assim também o que varia é nossa percepção intelectual,dependendo ou da dificuldade de compreensão da coisa, ou da deficiência maior ou menor de nosso intelecto. Mas a montanha da verdade é sempre a mesma.

Sentido de falsidade

Se tudo é verdadeiro, que é a falsidade? Pode existir a falsidade?

Se houvesse algo absolutamente falso, haveria um ser não verum. Ora, todo ser é verdadeiro. Logo, a falsidade absoluta não existe. Não pode haver falsidade no sentido metafísico. Só pode haver falsidade lógica ou moral.

A falsidade lógica consiste na não coiincidência da idéia

com o objeto. A falsidade moral consiste na não correspondência entre o que se diz e aquilo que se entendeu.

Nem a falsidade lógica, nem a moral podem levar à destruição do verum metafísico, pois que a coisa que não se entendeu ou que se negou mentirosamente, continua a ser o que é. Com referência à mente divina, que vê todas as coisas como realmente elas são, nada pode ser falso.

Certas coisas enganam o homem porque sua inteligência é falível e facilmente iludida pelas aparências.

Dizemos que certas coisas são "falsas" quando facilmente elas enganam o entendimento humano poruqe aparentam ser o que não são. Nem tudo que reluz é ouro.

Enganamo-nos quando analisamos apenas as aparências e porque esquecemos que nem sempre as qualidades acidentais são verdadeiras indicadoras da natureza interna das coisas. Mas essas coisas não são metafisicamente falsas. Mesmo essas coisas enganadoras são verdadeiras. Nós é que julgamos erroneamente.

*
*
*****
*
*
*

NOTA EXPLICATIVA: Esta apostila é um resumo parcial da obra citada, muito embora não siga a divisão de capítulos ali empregada. Para seu correto entendimento é indispensável a leitura prévia dos primeiros capítulos, onde se explicam muitas das noções aqui empregadas.